



DANILO FERNANDO ANACLETO DE ANDRADE E SILVA

**Representação Social da Guerra ao Terror à Luz da Música: Papel do Heavy Metal
no Pós-11 de Setembro**

João Pessoa

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

DANILO FERNANDO ANACLETO DE ANDRADE E SILVA

**Representação Social da Guerra ao Terror à Luz da Música: Papel do Heavy Metal
no Pós-11 de Setembro**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como
requisito parcial para a
conclusão do Curso de
Graduação em Relações
Internacionais da
Universidade Federal da
Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior

João Pessoa
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A532r Anacleto de Andrade e Silva, Danilo Fernando.

Representação Social da Guerra ao Terror à Luz da Música: Papel do Heavy Metal no Pós-11 de Setembro / Danilo Fernando Anacleto de Andrade e Silva. – João Pessoa, 2017.
44f.: il.

Orientador(a): Profº Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior.
Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) –
UFPB/CCSA.

1. Representação Social. 2. Guerra ao Terror. 3. Heavy Metal. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU:327(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova, com nota 8,0, o Trabalho de
Conclusão de Curso

“Representação Social da Guerra no Terror à Luz da Música:

Papel do Heavy Metal no Pós-11 de Setembro”

Elaborado por

Danilo Fernando Anacleto de Andrade e Silva

Como requisito parcial para a obtenção do grau de

Bacharel em Relações Internacionais.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior - UFPB

Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira - UFPB

Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre - UEPB

João Pessoa, 30 de novembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente devo agradecer a minha família que é a minha maior inspiração, e acima de tudo por dar suporte aos meus sonhos e apoiar minhas decisões. Muito obrigado, vocês são o meu porto seguro.

Ao meu orientador, Augusto Teixeira por nunca ter desistido deste seu aluno e me contagiado durante a graduação com as melhores aulas possíveis. Ao fornecer materiais imprescindíveis para a realização deste trabalho. Muito obrigado por ter confiado no meu potencial.

Aos professores do Departamento de Relações Internacionais da UFPB que contribuíram infinitamente para minha formação profissional.

Aos meus colegas de graduação que enriqueceram minha jornada, contribuindo para minha evolução pessoal e profissional e tornando o período ainda mais prazeroso.

DEDICATÓRIA

Aos meus Pais, Fernando e Zenaide Anacleto, e ao meu irmão Vinicius por me mostrar o valor do respeito, comprometimento e dedicação.

RESUMO

Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, parte da mídia estadunidense se alinhou rapidamente aos interesses que o governo dos EUA desejava espalhar, buscando o apoio popular para viabilizar uma guerra, em primeira instância contra o Afeganistão e depois, contra o Iraque na chamada “Guerra ao Terror”. Inúmeros produtos da indústria do entretenimento – produção artística/cultura da mídia – responderam ao panorama que se desenhava, dentre eles estava a música. O Heavy Metal, gênero musical visto como contestador e/ou progressista foi utilizado intensamente através da história pelos seus músicos no intuito de contextualizar o panorama político e a sociedade. Nos EUA principalmente após 2001 não foi diferente, pois diversas bandas situavam seu posicionamento acerca das ações do governo norte-americano após os atentados. Dessa forma, o Heavy Metal enquanto produto artístico também se constitui como uma ferramenta de análise significativa para demonstrar por meio de suas letras e canções, a postura de artistas com relação a algum fenômeno político. Um caso específico que emergiu: o álbum *Ashes of The Wake* da banda estadunidense *Lamb of God*. Lançado em 2004, o mesmo faz uso de críticas a intervenção militar dos EUA no Iraque. Para a área de Relações Internacionais a música reflete afirmativamente como um meio capaz de observar e transmitir respostas sobre acontecimentos no âmbito doméstico e internacional, neste presente caso as diversas incursões dos EUA no Oriente Médio, em países que considerem hostis aos seus interesses. Balizado pelo parecer da Teoria Construtivista, pois através de percepções e ideias de inúmeros agentes é possível construir pareceres acerca do presente contexto social, no qual a música reflete uma opinião abrangente e interessante neste caso. Através dos materiais coletados, álbuns das bandas de heavy metal dentro do período da “Guerra ao Terror”, justificaremos esta pesquisa a partir de como a música pode se constituir num elemento relevante para a representação social, neste caso sob um cenário de guerra.

ABSTRACT

After the Sept. 11, 2001 attacks, part of the US media quickly aligned with the interests the US government wanted to spread, seeking popular support to enable a war, in the first instance against Afghanistan and then, against Iraq in the call "War on Terror". Numerous products from the entertainment industry - artistic production / media culture - responded to the panorama that was being drawn, among them was music. Heavy metal, a musical genre seen as contending and / or progressive, was used intensely throughout history by its musicians in order to contextualize the political landscape and society. In the US mainly after 2001 was no different, since several bands placed their position on the actions of the US government after the attacks. In this way, Heavy Metal as an artistic product also constitutes a significant analysis tool to demonstrate, through its lyrics and songs, the attitude of artists in relation to some political phenomenon. A specific case that emerged: the album *Ashes of The Wake* by the American band Lamb of God. Released in 2004, it makes use of criticisms of US military intervention in Iraq. In the area of International Relations, music reflects affirmatively as a medium capable of observing and transmitting answers about events in the domestic and international spheres, in this case the various incursions of the USA in the Middle East, in countries that consider hostile to their interests. Based on the opinion of the Constructivist Theory, because through the perceptions and ideas of innumerable agents it is possible to construct opinions about the present social context, in which the music reflects a comprehensive and interesting opinion in this case. Through the collected materials, albums of the heavy metal bands within the period of the "War on Terror", we will justify this research from how music can be a relevant element for social representation, in this case under a war scenario

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
DEDICATÓRIA	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – GUERRA E REPRESENTAÇÃO.....	10
1.1- O PAPEL DO HEAVY METAL E ANÁLISE DE DISCURSO.....	11
1.2- RELAÇÃO ENTRE MÚSICA ERUDITA E A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA.....	14
1.3- A GUERRA FRIA SOB A ÓTICA DO ROCK: VIETNÃ AO MEDO DE FALLOUT NUCLEAR.....	16
CAPÍTULO 2 – SOB A LUZ DO HEAVY METAL.....	21
2.1- O FENÔMENO DO TERRORISMO PÓS-11/09.....	21
2.2-AS BANDAS DE HEAVY METAL E O FATOR ORIENTE MÉDIO.....	26
2.3- GUERRA AO TERROR E O ROCK COMO POSIÇÃO POLÍTICA.....	27
2.4- O ÁLBUM ASHES OF THE WAKE E OS OUTROS REPRESENTANTES.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Há um constante intercâmbio de elementos e artefatos culturais por toda a extensão do globo, ultrapassando as fronteiras nacionais. Dessa forma, o presente trabalho busca analisar o caráter político da música através do subgênero denominado Heavy Metal e observar sua implicação para as Relações Internacionais, mais precisamente no recorte do período histórico pós-11 de Setembro, ao qual ficou conhecido como Guerra ao Terror. Consequentemente, construir uma possível resposta a seguinte pergunta: Como o estudo da representação social da música permite ao analista de RI outras perspectivas sobre fenômenos internacionais, como a Guerra ao Terror?

Álbuns de bandas de Heavy Metal serão analisados, mas principalmente o recorte irá focar nos de origem estadunidense, pois eles apresentam em seu conteúdo críticas a participação das tropas norte-americanas no Oriente Médio, além disso na necessidade que vemos na música como objeto de estudos críticos cada vez mais presentes. Vemos através das contribuições de bandas como o Five Finger Death Punch, grupo que atingiu maior sucesso comercial a partir de 2005 e costuma tratar em suas obras o engajamento dos americanos enquanto soldados para realizar suas missões como também o seu papel de seres humanos, pois possuem família, sentem dor e tem um lar para retornar. Outro exemplo é o System of a Down, com críticas mais pesadas ao impacto das guerras sobre a sociedade civil, um fardo que não respalda nos poderosos. Lamb of God é uma banda proeminente da chamada *New Wave of American Heavy Metal*, inspirada nas bandas que compunham um movimento similar ocorrido na década de 80, na Inglaterra. Produziu um álbum conceitual com postura bastante crítica sobre o envolvimento dos EUA na invasão do Iraque, o conhecido álbum *Ashes Of The Wake*.

Para a conclusão do objetivo, o trabalho será dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo será exposto a corrente teórica do construtivismo, lente de análise que observa o caráter intersubjetivo que a música carrega através de suas ideias e percepções do panorama político pelos artistas. Visto que a representação social da guerra através de uma outra ferramenta como é o caso da música, pode ser capaz de analisar eventos que ocorrem no ambiente internacional. Além disso, será apresentado o panorama histórico conectando os grandes eventos da política internacional (com foco na guerra), ao surgimento de obras expressivas da música ao longo do tempo, como listados os conflitos no período das guerras napoleônicas, do Vietnã e pós-11/09. Será necessário fazer esse

avanço histórico para observar a evolução da importância política da música na compreensão da guerra e produção de críticas sobre estes acontecimentos.

O segundo capítulo se propõe a realizar uma breve revisão do período após os atentado do 11/09 de 2001 para situar o contexto político naquele momento e atestar posteriormente o papel do Heavy Metal e assim poder entender representações sobre a escalada do conflito na região do Oriente Médio. Para finalizar, a pesquisa busca apresentar o movimento do Heavy Metal nos Estados Unidos na era da Guerra ao Terror, o conteúdo das letras que versam sobre guerra, além da atuação política das bandas ou músicos e respectivos posicionamentos. Enfim, é importante frisar a questão da articulação entre as temáticas das letras das bandas, atuação política e representações

Como metodologia de pesquisa, será utilizada essencialmente a abordagem qualitativa. A pesquisa possui um caráter exploratório, ao qual se refere ao fato de que esse tipo de análise em RI não é muito frequente e de que este texto visa chamar a atenção para a relação entre música e política como articulação importante para outras nuances das relações internacionais. Além disso, será apresentado o papel da análise de discurso dentro da área de Relações Internacionais.

Por fim, o presente trabalho apresenta em suas conclusões que dentro da análise do momento conhecido como “Guerra ao Terror” a música obteve um papel essencial como parecer explicativo, pois o conteúdo lírico e o papel do Heavy Metal como um gênero de contestação, é também um trabalho intelectual que desde o seu surgimento busca afastar e alertar sobre possíveis manipulações e usos políticos e ideológicos de diferentes agentes.

CAPÍTULO 1: Guerra e Representação

Nas abordagens teóricas de Relações Internacionais, o construtivismo apresenta vantagens para o estudo da relação Música e Política, pois as ideias, percepções, valores são conjuntos necessários em que podem ser observadas o papel de outros fatores que não sejam os tradicionais na explicação de um fenômeno político. A música enquanto elemento artístico é uma visão particular de um indivíduo, que atua como um agente político que interpreta a sua realidade e constrói uma explicação. No ambiente belicoso explorado em questão nesta pesquisa, o pós-11/09 o construtivismo é essencial para buscar compreender de tal forma que elementos concebidos coletivamente geram interpretações e como consequência demandam resultados.

As contribuições construtivistas para a teoria das Relações Internacionais se desenvolveram ao final da década de 1980 e decorrer da década de 1990, em meio a um debate intenso nas Ciências Sociais em geral – nas Relações Internacionais em particular – sobre o lugar das ideias e valores para a análise dos eventos sociais. O construtivismo foca-se no papel de ideias, normas, conhecimento e argumentos políticos na formação dos interesses e identidades dos atores no sistema internacional (WENDT, 1999 p.1). Desse modo, instituições humanas como o dinheiro, o Direito e a soberania não têm uma realidade material, ou seja, existem apenas enquanto são concebidas coletivamente, isto é, enquanto as pessoas aceitam e agem corroborando à manutenção dessas criações sociais. Estas crenças, amplamente compartilhadas no âmbito ideacional, formam o modo como os Estados se comportam, ou seja uma construção entre agente e estrutura, elementos que se co-constituem no ambiente internacional.

Isto significa a assunção da “existência de uma relação determinante entre a interação social dos estados e a estrutura do sistema internacional. Mais, esta estrutura está em constante interação com os seus agentes, e é deste contínuo processo interativo que resulta a construção de uma ordem internacional” (MENDES, 2012 p.109). A abordagem construtivista é encarada como um meio-termo explicativo entre os agentes (atores) e o processo (estrutura), não sendo por muitos encarado como uma abordagem das Relações Internacionais exclusivamente, mas uma teoria social onde, busca observar que as observações do neorrealismo, muitas delas pressupostos que negligenciam outros atributos como o interesse dos atores e suas identidades.

Deve ser ressaltada a influência do construtivismo nessa análise sobre as ações por parte dos EUA no Oriente Médio através da música, que evidencia como mudanças nas ideias afetaram também o comportamento dos Estados e, mais profundamente, identidades e interesses. Pois a mudança na distribuição de poder – fim da Guerra Fria –, alterou o conceito de intervenção militar, e à luz do construtivismo – uma concepção intersubjetiva – e essa mudança nas ideias compartilhadas pelos Estados, *de facto*, interferiu no modo como ocorrem as atuações internacionais. Portanto, é crível que as modificações na cognição coletiva e na definição de ameaça foram internalizadas pelos Estados, e isso resultou em uma mudança de identidade e de interesses no sentido de uma comunidade internacional multilateralizada e mais cooperativa, com o protagonismo das Nações Unidas. Os autores que compartilham dos pressupostos do construtivismo, como indica Onuf, ao demonstrar que as atitudes, identidades e interesses dos atores não são características imutáveis, como postulado pelos realistas e, de forma mais amena, pelos liberais, mas são socialmente construídos e influenciados por ideias. Dessa maneira o construtivismo se constitui como o suporte teórico indicado para realização dessa análise entre o período após o atentado do 11/09 à luz do heavy metal, gênero musical com um discurso particular.

1.1 O Papel do Heavy Metal e Análise de Discurso

É interessante perceber que estudos sobre os movimentos civis que vão de encontro aos interesses Estatais são de suma importância ao considerarmos o papel do indivíduo no sistema internacional. Isto se faz como um ponto presente no estudo teórico das Relações Internacionais desde sua concepção como área de estudo nas ciências sociais, trazidos desde o primeiro debate entre escolas de pensamento da área, aonde alguns defendem pelo lado liberalista do embate teórico, que o valor do indivíduo, organizações civis, organismos internacionais e até mesmo instituições subnacionais são atores igualmente importantes ao tradicional Estado defendido pelos analistas da escola realista.

Atualmente, com os efeitos destes atores cada vez mais relevantes nas vidas dos cidadãos e não seria raro dizer em conflito com os interesses de diversos Estados, torna-se ainda mais importante obter o conhecimento acerca de sua expressão interna e externa, mesmo quando ideais tornam-se “produto de exportação” às vezes inclusive, mesmo

décadas após sua concepção e este é um papel presente na música. Com isso concorda Wendt (1987, p.338) ao citar que os seres humanos e suas organizações são poderosos atores cujas ações ajudam a reproduzir ou transformar a sociedade na qual vivem.

Neste sentido, objetiva-se mostrar os estudos da análise de discurso e sua relevância dentro do arcabouço teórico das Relações Internacionais, bem como as problemáticas que os envolvem, com fulcro de incentivar produções que possuam esse tipo de análise, neste caso a participação de um elemento cultural/artístico - música, através de um gênero específico que é o Heavy Metal. O grande percalço é que a análise de discurso é um método ainda marginalizado nas Relações Internacionais (CAMARGO, 2011, p. 94).

No que tange aos construtivistas, Camargo (2011, p. 95) afirma que não houve preocupação com os métodos e critérios de análise de discurso nas Relações Internacionais, em virtude de as primeiras abordagens construtivistas, em geral, estarem preocupadas com a aceitabilidade de suas ideias dentro do campo das Relações Internacionais, que era predominantemente positivista. Assim, percebeu-se o surgimento de abordagens mais abrangentes, mas que não necessariamente rompiam totalmente com as anteriores. Já Onuf (2002, p. 131-133), dentro de uma linha mais crítica do construtivismo, argumenta que o construtivismo é importante porque fomenta a sensibilidade para a linguagem enquanto instrumento de ação, por promover uma abertura metodológica e considerar os processos sociais e as regras como essenciais.

Assim, o trabalho de Onuf (2002) configura uma grande referência nos estudos de discurso dentro do âmbito das Relações Internacionais e no que tange às abordagens construtivistas. Diante das abordagens construtivistas expostas, é pertinente ressaltar a existência de diferentes construtivismos e, por consequência, distintos focos de análise em relação aos elementos constitutivos das Relações Internacionais, embora todas levem consigo a crítica às abordagens realistas tradicionais.

Camargo (2011, p. 101-103) afirma categoricamente como a análise de discurso pode ser um método interessante para trabalhar com a mídia. Nesses termos, a autora desenvolve uma abordagem sobre a percepção brasileira em torno da guerra do Iraque de 2003, por meio dos recortes internacionais dos jornais a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo, seguindo uma delimitação temporal. Dessa maneira, torna-se possível extrapolar essa ideia sobre a mídia, levando em consideração outros elementos como o Heavy Metal

enquanto produto veiculador de percepções, valores, ideias acerca de um assunto presente na política internacional, neste caso as diversas incursões por parte dos Estados Unidos no Oriente Médio na chamada “Guerra ao Terror”, como o foi registrado no Iraque.

A análise de discurso, então, se aproxima das abordagens pós-positivistas das Relações Internacionais, especialmente por acentuar, à luz do discurso, questões como identidade, relações de poder, representatividade, interações simbólicas, que são fundamentais para essas perspectivas mais críticas dentro do referido campo de estudo. Observa-se, no entanto, que, apesar de as teorias mais críticas das Relações Internacionais terem aceitado, de alguma maneira, a análise de discurso como método de análise, este uso ainda precisa passar por aprofundamentos metodológicos, a fim de se fazer uma boa utilização do método, retirando dele a maior quantidade de informações possíveis e possibilitando sua replicabilidade, além de ser necessária a sua difusão no campo das Relações Internacionais.

O problema das Relações Internacionais, como um todo, é que os estudos de teoria são limitados (MILLIKEN, 2001, p. 147), sendo mais difícil ainda existir interesse em trabalhar com abordagens bastante criticadas dentro da área, como a análise de discurso. Contudo, Milliken (2001, p. 138-139) afirma que estudos bem refletidos nas Relações Internacionais de análise de discurso podem ser feitos, desde que se orientem por argumentos teóricos, como a percepção de discurso enquanto sistema de significação, o debate sobre a produção discursiva e o jogo da prática, ou seja, entendimento das questões de poder ligadas ao discurso. Assim, a compreensão das situações internacionais é fortalecida por essas análises mais robustas, para além das teorias das Relações Internacionais criadas com intenções explicativas, utilizando-se de métodos e abordagens advindos de outros campos que possam complementar a compreensão do caso concreto, como se observa da análise de discurso.

Conclui-se, portanto, que a falta de consenso na utilização do método da análise de discurso nas Relações Internacionais não deve ser um empecilho para a proliferação de conhecimento por meio dele; por outro lado, deve-se investir em novas pesquisas para testar a eficácia do método abordado. Com base nisso, a análise de discurso pode ser utilizada associada às diferentes perspectivas teóricas e aos outros métodos cabíveis, com finalidade de se alcançar pesquisas mais profundas e críticas no âmbito das Relações Internacionais (CAMARGO, 2011, p. 98-100).

O estilo musical conhecido por Heavy Metal não se trata por uma gama desconexa de sons, grupos e ideias, mas sim de uma experiência artística, observada também por outros movimentos musicais. “É algo que possui uma série de códigos, coerentes em uma estrutura específica, que demarcam bandas variadas como pertencentes invariavelmente ao gênero, um núcleo forte, com diversas variações, que podem cruzar com outros estilos periféricamente” (WEINSTEIN, 2000 p.6).

1.2 Relação entre música erudita e a representação da guerra

A música é um instrumento importante capaz de transmitir importantes eventos que ocorrem no ambiente internacional visto que os sons “podem reproduzir consequências políticas, tanto de maneira tradicional quanto de maneira relativa, e como podem ser relevantes para as políticas mundiais e para a disciplina de RI” (SANTANA FILHO, 2015 p.31) e isto não é diferente quando se analisa por exemplo momentos históricos como a era napoleônica. Saraiva revela o grande papel deste ator quando afirma que “a emergência de Napoleão Bonaparte no processo da Revolução Francesa ampliou enormemente o impacto do movimento sobre as Relações Internacionais. Seu império significou a ruptura com o sistema de equilíbrio que, embora funcionasse com dificuldades, caracterizava as relações entre os Estados europeus nos séculos XVII e XVIII” (SARAIVA, 2007 p.42).

No contexto de seu império, houve as chamadas Guerras Napoleônicas e o papel representativo empregado pela música já poderia ser observado com destaque porque a erudição musical encontrou um de seus momentos de auge, pois diversos combates travados pelas forças napoleônicas eram retratadas em sinfonias, a fluidez das melodias indo de encontro a rigidez do combate, estas que exploravam as glórias da conquista, os momentos épicos travados por diversos personagens no front de batalha e alguns serão apresentados mais adiante. A música ao longo da história vai poder ser contextualizada aos fenômenos políticos, visto que a produção musical traduz a compreensão de uma dada realidade, além da sociedade acabar evoluindo com o passar do tempo, também ocorre o mesmo com a música, novos estilos, ideias, modos de compreensão sobre um contexto particular. Marcados pela história como os conflitos ocorridos na Europa no fim do século XVIII e começo do século XIX, centrados na ambição expansionista do cônsul tornado imperador francês. Durante a Guerra da Primeira Coalizão, em que os regimes europeus se

voltaram contra a França revolucionária, foi Napoleão quem logrou expulsar a artilharia inglesa da base naval francesa de Toulon em 1793, capturando Fort Mulgort e o promontório de L'Eguilette.

Em 1796, Napoleão foi comissionado para a Itália, onde empregou uma estratégia que se lhe tornaria familiar: dirigiu suas forças ao massacre de um flanco do exército adversário, aniquilando os piemonteses a tempo de desengajar e enfrentar os exércitos austríacos, os quais após o cerco de Mantua forçou a retirar-se da Itália, feito que jamais antes realizado por um general francês. Na batalha do Rivoli, a armada austríaca estava dividida em duas, mas ainda assim contava com a vantagem numérica sobre os 10,000 soldados franceses. No entanto, os elaborados planos austríacos dividiram ainda mais sua força, em seis flancos, enviando a maior parte da artilharia e cavalaria em destacamentos para o oeste, onde foram bloqueados por rios e montes.

O destacamento leste deveria buscar cercar os franceses pelo sul, mas como cercá-los se os austríacos entraram em colapso nas outras rotas? A batalha inicial incluiu apenas os 12,000 soldados austríacos das colunas centrais contra 9,000 franceses, e sendo os austríacos demasiado fracos em artilharia, foram contidos até que reforços chegassem para a França, após o que os flancos da Áustria no oeste e sul foram despachados um a um. Napoleão emergiu vitorioso em Ulm e em Austerlitz. Após cruzar o Reno e o Danúbio, ele atacou as tropas do general Mack Von Lieberich, antes de se dirigir contra as grandes forças austríacas e russas em Austerlitz. Uma música composta em homenagem a esta brilhante campanha das tropas de Napoleão foi sem dúvida, a “*Mass in Time of War*” de Franz Joseph Haydn quando as já mencionadas forças napoleônicas ganharam vitórias na Itália e na Alemanha e ameaçaram invadir a própria Áustria” (KLUGEWICZ, 2015). Sobre a Alemanha, é importante informar que um compositor germânico, Ludwig van Beethoven compôs também uma sinfonia em sua homenagem, visto que ele nutria uma grande estima por Napoleão e suas campanhas vitoriosas. Esta composição foi a *Sinfonia No. 3*. Diversas análises feitas ao longo do tempo, sustentam que “evidências históricas indicam que a origem da música na humanidade está entrelaçada com o seu potencial poder no processo de construção de coesão e significados sociais, sendo determinante para o processo evolutivo” (BARRAS, 2014). Neste caso, a produção musical não pode ser classificada como uma expressão artística sem significância, pois além de tudo para a disciplina ela influi “como um aspecto político em si, quando ela funciona como ator. Neste caso,

corresponde à significância dela para os indivíduos e para com as demandas e expressões políticas que deles emanam” (SANTANA FILHO, 2015 p.40). Entretanto, não existem apenas sinfonias que celebrem as glórias da era de Napoleão Bonaparte como bem nos recorda “Pyotr Ilyich Tchaikovsky com sua composição, *Overture 1812*. Esta composição celebra a comemoração da vitória czarista russa sobre Napoleão, que se retirou de território inimigo no inverno brutal de 1812” (KLUGEWICZ, 2015). No avanço da história é importante salientar que a música é carregada de expressão e significados, ela traz consigo representações acerca de um contexto e o cenário bélico é bastante propício aos argumentos que os sons buscam identificar entre correspondências de determinadas estéticas musicais e contextos políticos e culturais específicos.

1.3 A Guerra Fria sob a ótica do rock: Vietnã ao medo de fallout nuclear

O fim da Segunda Guerra Mundial vencido pelas Forças Aliadas contra os adversários do Eixo trouxeram inúmeras consequências, uma delas foi que ao término do embate houve a derrocada dos rivais industriais dos EUA. “Nunca houve um período na história em que uma nação tenha tido um controle e uma segurança do mundo tão esmagadores” (CHOMSKY, 1999 p.9), pois é o que afirma Chomsky acerca da condição privilegiada dos EUA no pós-guerra. Outra importante consequência causada pelo término da Segunda Grande Guerra, foi observar uma nova disputa de poder e influência marcado por uma ordem bipolar entre os EUA e a ex-União Soviética. Este período logo após o fim do conflito mundial ficou conhecido como a Guerra Fria no qual a política, economia e todos os campos de estudo estavam condicionados por ela. Além disso, o que também se observou é que “gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais, que acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade”(HOBSBAWN, 1995 p.224). Neste período, as potências mundiais passaram a utilizar suas influências para inserir a temática da segurança na agenda dos países que estivessem sob seus respectivos satélites. EUA e URSS se encontravam em competição constante e era preciso monitorar seus avanços, sendo que ambos era muito influenciados pelo embate ideológico.

Houve diversos espaços de enfrentamento indireto entre as duas superpotências do sistema internacional para defender o avanço das ideologias do adversário, e uma delas foi

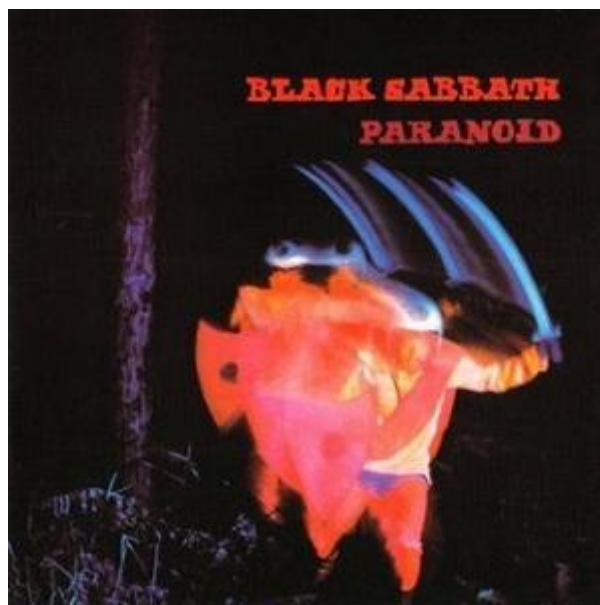
o Vietnã conflito este bastante retratado em diversas mídias no decorrer dos tempos (cinema, histórias em quadrinhos, música). Para os EUA, a perda do Vietnã significaria a expansão do comunismo sobre o sudeste asiático e possivelmente resultaria em um efeito dominó nos outros Estados da região. Chomsky vai mais além a respeito do conflito no Vietnã; ele afirma ser um dos poucos pesquisadores que argumenta ter tido os Estados Unidos uma vitória estratégica no Vietnã, apesar de não ter sido uma vitória completa. Para o autor, “o principal objetivo do país na Indochina foi atingido: o Vietnã foi destruído, e não havia chance de um bem-sucedido exemplo de desenvolvimento econômico surgir daquele país. A ameaça do mal exemplo estava erradicada” (CHOMSKY, 1999 p.76).

Agora no que se refere ao espaço da música discutir estes conflitos como objeto de estudo é fortuito, porque o Heavy Metal é um subgênero do rock e de alta discussão política, no qual advoga uma postura de embate ao contexto social de sua época. Só que essa discussão não teve uma gênese a partir do heavy metal em si, mas sim veio do movimento hippie, movimento de contracultura que confrontava diretamente através de seus personagens as instituições e contestavam por exemplo a guerra como meio de resolução de conflitos. Só que o período do heavy metal no final da década de 60 observou uma mudança na representação entre guerra e política, porque as músicas eram cada vez mais agressivas, críticas mais fervorosas e desse modo não tinha como ser negligenciada. Tal postura não passa despercebida para bandas como por exemplo, o *Black Sabbath*. “No seu segundo álbum, *Paranoid*, também lançado em 1970, a banda deu espaço para a crítica ao militarismo, na onda de grupos como o *Creedence Clearwater Revival* e sua *FortunateSon*, de 1969, que criticava o fato de que filhos de ricos, mas principalmente políticos, não eram enviados para a Guerra do Vietnã. O segundo álbum do *Black Sabbath* abria com *War Pigs*, que era também uma crítica à mesma guerra, questionando o motivo dos políticos se esconderem após começar os embates e enviar apenas os pobres a eles”(RODRIGUES, 2013 p. 35 e 36). Observe a letra da canção *War Pigs* e como ela enfatiza essa crítica sobre quais os reais interesses por trás do conflito, e ações por parte dos líderes que utilizam as vidas humanas para conclusão de objetivos.

“Os políticos se escondem
Eles só começaram a guerra
Por que eles devem sair para lutar?
Eles deixam esse papel para os pobres, sim!

O tempo dirá em suas mentes do poder

Fazer guerra apenas por diversão
Tratar pessoas como peões no xadrez
Espere até o dia do julgamento chegar, sim!”



(Figura 01) Encarte do álbum *Paranoid* do Black Sabbath

Não obstante, o temor de uma guerra nuclear sempre pairou no imaginário da população civil e acima de tudo era tomado com bastante cautela pelos *decision-makers* das superpotências para que de alguma forma não escalasse o conflito em contornos de destruição por meio de armamentos nucleares. Este também foi um tema bastante visitado por bandas expoentes do *heavy metal*, como o já mencionado *Sabbath* com faixa *Electric Funeral* de seu álbum *Paranoid*, onde em sua letra nos revela a angústia trazida pelo medo da morte causado por uma guerra nuclear.

“Mentes robôs de escravos robôs
Conduzi-los aos túmulos atômicos
Flores plásticas, sol de derretimento
Lua desbotada cai sobre
Mundo morrendo de radiação,
Vítimas da frustração do homem
Mundo ardente de fogo obscuro
Como pira funeral elétrica”

Este mesmo medo (*fallout*) se fez presente em diversos outros momentos dentro da cultura da mídia e no *heavy metal* não seria diferente. Outro exemplo que pode ser citado é a música *Rust in Peace... Polaris*, da banda estadunidense *Megadeth* onde sua letra busca

explicitar o perigo nuclear que ronda a vida das pessoas e foi algo bastante recorrente no período da Guerra Fria.

“Tremam vocês fracos, se acovardam com medo

Eu sou seu governante na terra, mar e ar
Imenso na minha circunferência, ereto, eu fico alto
Eu sou um assassino nuclear, eu sou polaris

Pronto para saltar com o toque de um botão
Meu sistema está preso com glutões militares
Eu reino na terra, no ar e no mar
Avaliar a humanidade
Vento sopra das entranhas do inferno
Vamos dar aviso? Só o tempo irá dizer
Satanás ergue sua cabeça feia
Cuspir no vento”



(Figura 02) Encarte do álbum *Rust in Peace* do Megadeth

A música através do *heavy metal* é capaz de situar os diferentes panoramas presentes na política internacional, como é o caso do Megadeth pois através de suas letras, é capaz de observar a grande desconfiança e o perigo iminente de uma devastação nuclear ocorridas no período da Guerra Fria e é através de suas letras que são capazes de propagar “ideias”, estas que chegam a diferentes indivíduos que “interagem e agem

propositadamente com base em suas ideias, crenças, julgamentos e interpretações pessoais”(ADLER, 1999 p.206). Mas a música continua a servir como instrumento de análise sobre um referido contexto e não ficou estagnada com os eventos da década de 80, mas ao mesmo tempo que o gênero musical se diversifica e abrange novos estilos também é capaz de interpretar os acontecimentos mais recentes, como será observado adiante no momento-chave que foi o atentado 11/09 e o reordenamento político dos EUA sobre o Oriente Médio.

CAPÍTULO 2: Sob a Luz do Heavy Metal

2.1 O Fenômeno do Terrorismo Pós 11/09

Antes de poder realizar as observações das incursões norte-americanas no Oriente Médio e representar este momento à luz da participação das bandas de Heavy Metal, é importante indicar o panorama histórico naquele momento, porque é necessário apresentar como os EUA se encontravam após o atentado, como esse ataque em solo americano afetou a opinião pública e por consequência o processo político para tratar da situação. É importante situar os EUA como o principal pólo de poder, mostrar a sua posição como maior hegemonia do sistema internacional, onde mesmo com todas essas características acabou sofrendo um ataque tramado por uma organização terrorista. Desse modo, em momento posterior com os conceitos estabelecidos pode ser iniciado a inserção da música para analisar o contexto político internacional em questão.

Em 11 de setembro de 2001, um grupo de terroristas foram responsáveis pela destruição das torres do World Trade Center e também atacaram o Pentágono. Estes ataques foram realizados através de aviões sequestrados com o objetivo de atingir os símbolos do poder econômico, político e militar da nação mais poderosa do planeta e como resultado, inúmeras mortes provocadas. Foi então que a partir desse momento, após os ataques sofridos pelos Estados Unidos, o terrorismo acabou ganhando enorme destaque. A comunidade internacional passou a vê-lo como uma grave ameaça, e desde então, tem-se discutido cada vez mais sobre o tema. De acordo com Procópio (2001, p.63) “o sacrifício dos limites impostos pelo estado de direito e pelo estado democrático na luta contra o terror fere o que há de nobre, precioso e sagrado na alma da democracia americana”. É inegável o sentimento de dor sentido pelos EUA, pois foi a primeira vez desde o ataque dos japoneses sobre a base militar de Pearl Harbor (1941) onde o país sofre um atentado de tamanha significância dentro de seu próprio território, o que denota uma vulnerabilidade considerável.

Com os ataques ocorridos no 11 de setembro, a resposta imediata do governo vigente na época foi o uso da violência, validando a visão de mundo republicana e tendo por base a hostilidade e a luta intransigente às ameaças da civilização, dando início à doutrina Bush e à “Guerra ao Terror”, que previa sobretudo o combate ao denominado eixo do mal. Essa

guerra, para Resende (2011, p. 37), deve ser entendida como “uma prática social pela qual o Estado assume o papel de exclusivo representante da comunidade nacional ao se engajar num incessante processo de produção de diferenças frente ao “Outro” externo”.

Nesse ponto, surge a problemática do “medo”, em que é oportuno citar Fukuyama (2004, p.24) onde afirma que estes atentados mostraram que o novo terrorismo pode causar danos significativos aos Estados Unidos e a outras nações desenvolvidas”, como por exemplo, aos seus aliados no combate na guerra contra o terror. Estes ataques foram algo tão forte que foram capazes de levar com que os bancos centrais desses países articulassem suas ações, de maneira a evitar que estes acontecimentos produzissem efeitos demasiadamente negativos para a economia mundial.

A justificativa da Al-Qaeda para atacar os Estados Unidos e seus aliados possuía grande embasamento religioso, o que nos leva a articulação e a coesão destes indivíduos baseadas na luta contra estes inimigos. O conceito de “jihad” está intimamente ligado à ideia de que cabe ao indivíduo de religião muçulmana disseminar a fé islâmica, sob o intuito de buscar o que eles considerariam uma melhor humanidade. Essa ideia acaba sendo ameaçada quando o inimigo se encontra presente no território islâmico, o que exige uma resposta dos muçulmanos ligados a estes grupos se comprometam no combate contra os inimigos. Castells afirma que “depois que o centro de comando da Al-Qaeda no Afeganistão foi destruído, em 2001, redes de contato com lutas locais tornaram-se cada vez mais importantes” (2010, p.135). O grande objetivos dessas redes era adquirir fontes alternativas de financiamento, criar contatos com grupos islâmicos locais e fazer com que pequenas filiais aparecessem. Estas novas células ligadas à Al-Qaeda ainda que atuantes de forma independente e autônoma, foram tomadas por indivíduos que estabeleciam certo contato com a organização, ao qual por sua vez continuou agindo por intermédio de seus grupos associados.

Os atentados de setembro de 2001 deram condições para que os Estados Unidos adotassem durante todo o governo Bush, uma política externa rígida, como forma de demonstrar que seu poder não havia sido abalado após os ataques. Como resultado, acabou gerando duas guerras (incursões no Afeganistão e Iraque) e como afirma Pecequillo, causando certo isolamento do país, que menosprezou a Organização das Nações Unidas e os demais organismos internacionais, colocando o seu próprio soft power, conceito forte e bastante trabalhado por autores como Nye, em segundo plano.

O conflito iniciado contra o terrorismo, para Bandeira (2008, p. 16-17) ocorreu “[...] para disfarçar os reais objetivos do presidente George W. Bush, que consistiam em vencer a resistência e/ou a insurgência islâmica, e controlar a Ásia Central e o Oriente Médio, com suas enormes jazidas de gás e petróleo”. A política internacional dos Estados Unidos passou, então, a ser pautada pela convergência dos deveres da economia global capitalista e pelos interesses das grandes corporações. Com a ruína militar e decadência do Talibã, após o bombardeio realizado pelos Estados Unidos no Afeganistão, estabeleceu-se, em dezembro de 2001, um governo provisório, visando extinguir as diversas facções e reerguer o país, uma vez que os Estados Unidos tinham, como um de seus principais objetivos, “civilizar” os Estados que, para o governo estadunidense, não possuíam capacidade para isso. Contudo, as disputas armadas entre chefes guerreiros regionais continuaram ocorrendo, bem como o aumento do consumo de entorpecentes, da criminalidade e do descontrole governamental, dificultando a plena pacificação do Afeganistão (VICENTINO; DORIGO, 2008).

Ademais, em 2003, Bush transferiu prisioneiros de guerra do Afeganistão para a base estadunidense de Guantánamo, localizada na ilha de Cuba, além de mandar centenas de milhares de soldados para locais próximos ao Golfo Pérsico, como forma de amedrontar seu maior inimigo na época: o Iraque. Mais tarde, em 2004 e 2006, seriam divulgadas fotos de maus tratos e tortura a prisioneiros em bases militares dos EUA, sobretudo na de Guantánamo, com a justificativa estadunidense de que essas pessoas mereciam tal tratamento por serem simpatizantes da prática terrorista transnacional (VICENTINO; DORIGO, 2008).

A invasão dos EUA ao Iraque acabou ocorrendo, após tentativas fracassadas de negociação, em março de 2003, sem o apoio da comunidade internacional ou do Conselho de Segurança da ONU. Afirmava-se que, desde a derrota no ano de 1991 e as imposições de sanções contra o país, o Iraque, dono da segunda maior reserva de petróleo do mundo, não possuía capacidade de agressão e projeção de poder externo (tanto regionalmente quanto internacionalmente), o que foi desconsiderado por Bush, naquele momento (PECEQUILO, 2011).

Sob alegação de que o presidente iraquiano, Saddam Hussein, possuía arsenais químicos, biológicos e nucleares, considerados, por Bush, como comprometedores à segurança internacional, os Estados Unidos convenceram a Grã-Bretanha a se aliar para

atacar o território do Iraque. Assim, fazendo uso de equipamentos sofisticados e de tecnologia de última geração, as tropas aliadas bombardearam a capital iraquiana de Bagdá, destruindo-a de modo generalizado e deixando incontáveis vítimas (VICENTINO; DORIGO, 2008).

O presidente, que pregava, em seu discurso, o início da trajetória do Iraque para a liberdade, garantiu que a presença estadunidense na reconstrução do país asiático seria temporária. Todavia, o fim das denominadas “principais operações militares” não significou o término da hostilidade no território iraquiano ou da tentativa de conquista do mesmo, como afirma Pecequillo (2011). Paralelamente, a oposição à presença estadunidense crescia, cada vez mais, dentro do Iraque, e as forças internas ligadas ao xiismo e ao sunismo brigavam entre si pela ocupação dos espaços políticos que Saddam havia deixado.

O período conhecido como “Guerra ao Terror” principal foco deste trabalho, iniciado em 2001, que resultou na queda do governo talibã no Afeganistão, apresentou a ascendência da ação militar norte-americana, promovendo uma descentralização do grupo terrorista Al-Qaeda e fazendo com que estes passassem a atuar clandestinamente, por meio de organizações associadas e ainda por pequenos grupos de pessoas que porventura simpatizassem com os padrões da rede. Desse modo, apesar de sua atuação ter sido desvinculada da imagem exclusiva de Osama Bin Laden, é inegável que era de muitas maneiras atrelada aos discursos e seu poder de atração, e que isso é algo que pesquisadores como Castells (2010) concordam, porque para ele isso passa a agir mais como uma ideologia para ativistas islâmicos do que como um sistema funcional e rigoroso.

É claro que esse dismantelamento da infraestrutura terrorista afegã tenha comprometido a capacidade da Al-Qaeda de proporcionar um treinamento de boa qualidade de seus simpatizantes, a dissipação de seus membros acabou por aumentar significativamente as fronteiras da violência terrorista. Em detrimento do Afeganistão, o Iraque é um dos exemplos que acabaram por emergir como um dos novos epicentros do terrorismo internacional. Por esse motivo, quando as tropas dos EUA e seus aliados passaram a promover uma “caça” aos terroristas, estes decidiram se mudar para regiões desprovidas de lei ou ordem.

Agora, com a derrubada do ditador Saddam Hussein pelos EUA no Iraque em 2003, provou-se como infrutífera a ação dos norte-americanos e seus aliados, visão compartilhada por pesquisadores como Moniz Bandeira pois não foram capazes de estabelecer um processo de pacificação, reconstrução e estabelecimento de sua visão acerca da democracia sobre aquela nação, o que resultou na manutenção dos embates entre os militantes contra as tropas comandadas pelo EUA. Com isso, houve após alguns anos a formação do Estado Islâmico do Iraque (ISI), a partir de uma filial ligada com a Al-Qaeda. Mais tarde, passou a abranger também a Síria, vindo a ser conhecida como o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS). Assim, o Oriente Médio de acordo com Palazzo é palco de incansáveis conflitos históricos, testemunha o surgimento de um ator que se tornou motivo de apreensão, tanto interna quanto externa, uma vez que propaga o extermínio de fronteiras, a queda dos Estados nacionais e a imposição absoluta da lei islâmica.

O ISIS declara autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos do mundo e almeja comandar muitas outras regiões de maioria islâmica, forçando as pessoas que vivem nas áreas que comanda a se converterem ao islamismo, além de viverem conforme a interpretação sunita da religião. Possuindo cada vez mais estrutura e capacidade de recrutamento. Seu maior feito, até o presente momento foi ter assumido o controle em junho de 2014 da cidade de Mossul, terceira maior cidade iraquiana e tida como a segunda mais importante do país. A partir dessa conquista, as forças do Iraque e do Curdistão, apoiadas pelo poder aéreo dos Estados Unidos, buscaram retomar o controle da área e conseguiram, só que a um “enorme custo de um total de 2.521 civis mortos” (G1, 2017).

A respeito do capital que os grupos militantes possuem, estima-se que este último seja o mais rico do mundo. Anteriormente, dependia de doações privadas e instituições de caridade islâmicas no Oriente Médio, e embora esse tipo de financiamento ainda seja utilizado para custear o transporte de combatentes estrangeiros à Síria e ao Iraque, o grupo agora possui capacidade de autofinanciamento. Presume-se que, no ano de 2014, o grupo pode ter arrecadado um total de US\$ 100 milhões, advindos do comércio de petróleo bruto e produtos refinados para intermediários locais. Ademais, os sequestros cometidos pelo grupo também geraram pelo menos US\$ 20 milhões em pagamentos de resgate, em 2014. Atividades como roubos, saques, extorsão, imposição de tributos às minorias religiosas e venda de meninas e mulheres como escravas sexuais também constituem fontes de renda

do Estado Islâmico. Esse tratamento desumano que o grupo apresenta em relação às minorias religiosas e outros muçulmanos presentes no território tem uma repercussão internacional bastante negativa, que contribuiu para a formação da oposição de vários líderes e grupos islâmicos, inclusive para o rompimento com a própria Al-Qaeda. Apesar disso, continua a ser uma força potente na região (BBC NEWS WORLD, 2014).

2.2 As Bandas de Heavy Metal e o Fator Oriente Médio

Após uma longa contextualização a respeito do papel da música ao longo da história e dos ataques terroristas causados nos EUA em 2001, e que refletiu em um reordenamento político do governo norte-americano contra atores não-estatais, focamos agora no caso específico que nos propomos a analisar que consiste na exposição do trabalho de artistas ligados ao movimento do Heavy Metal, e como o seu trabalho é capaz de tomar uma posição crítica enquanto espectadores de um fenômeno que ocorre no ambiente internacional, neste caso a representação de seu conteúdo no cenário de guerra. É importante ressaltar que para realizar este trabalho seria necessário selecionar as bandas e suas respectivas origens, pois uma melhor discussão e desenvolvimento da pesquisa o objetivo central, visto que o Heavy Metal enquanto subgênero do Rock apresenta um incontável número de artistas e consigo diversas percepções, ideias e posicionamentos acerca de um determinado assunto. Nesta pesquisa em específico, foram selecionadas bandas norte-americanas de heavy metal porque seria fortuito observar como eles enxergam e criticam a postura de seu próprio governo enquanto promove incursões além de suas fronteiras, resultando em guerra. Além disso, não será relatado aqui a história da banda e seus respectivos membros, mas sim o seu conteúdo produzido e a ferramenta analítica responsável para observar a questão do envolvimento estadunidense em regiões de conflito após o 11/09.

A história dos EUA é contada através de livros didáticos, discursos, filmes, etc. Frequentemente tende a ser relativamente clara, simples e grandiosa. O papel dos EUA ao longo do tempo, muito graças ao seu poderio econômico e militar seria o de expandir seu pensamento democrático liberal inclusive servindo como “polícia mundial”, se insere na zona de conflito para que nenhuma ameaça de acordo com sua ótica seja capaz de se estabelecer no sistema internacional. Uma ponderação interessante é a de Raphael (2006)

ao qual afirma que todos os dias os políticos invocam os ‘nossos fundadores’ em apoio a alguma causa totalmente estranha à experiência norte-americana do final do século XVIII. Põem o passado – mais exatamente, um passado que imaginam – a serviço do presente político, e isso se aplica às incursões pelas tropas estadunidenses no Oriente Médio.

Houve uma ampla representação com o passar das décadas por meio da música sobre o contexto da guerra e sua significância enquanto fenômeno é explorada através de grupos de Heavy Metal nas letras e melodias, como foi o caso da Guerra do Vietnã e mais recentemente na denominada “Guerra ao Terror”, onde diversas bandas famosas com o refortalecimento do movimento do rock pesado a partir dos anos 2000 possuíam participação mais ativa em assuntos mais sensíveis, como as ações do governo norte-americano em promover conflitos no Oriente Médio. Grupos como o System of a Down, Five Finger Death Punch, Machine Head, Megadeth, Lamb of God são produtores de conteúdo artístico, neste caso a música e nele debruçam seu posicionamento crítico em relação por exemplo às campanhas dos EUA e que debilitam os personagens envolvidos de formas mais graves ou não, no corpo e mente. A flexibilidade deste veículo (música) permite que interpretações dos eventos históricos sejam passadas adiante, fazendo com que, intencionalmente ou não, aparentem oficialidade para os espectadores que careçam de algum criticismo ou conhecimento histórico e ao qual lhes permita refutar o conteúdo a eles apresentado.

2.3 Guerra ao Terror e o rock como posição política

A música através do construtivismo permite que uma realidade seja observada por inúmeros agentes que a moldam de acordo com suas próprias percepções, valores, normas, mas nesse contexto também são importantes características mais amplas. Nesse sentido, é importante frisar o Estado num ambiente mais amplo, para posteriormente observar o que o olhar do construtivismo possibilita, olhar outras capacidades que são negligenciadas pela visão macro de poder. Os Estados que possuem maior poder são exatamente aqueles que passaram por profundas modificações sejam elas econômicas ou políticas, e como já foi descrito anteriormente os EUA atualmente se configuram como o Estado mais poderoso do sistema internacional e elaboraram de forma mais plena as consequências dessa revolução na forma do Estado e das relações sociais. Todos esses foram desenvolvimentos com base

na nação que transbordaram para além das fronteiras nacionais, tornando-se fenômenos de expansão internacional. Outros países receberam o impacto destes processos de forma mais passiva, isso acontece quando o ímpeto para mudar não surge de um vasto desenvolvimento econômico local, sendo, ao contrário, reflexos de processos internacionais que transmitem suas correntes ideológicas à periferia (GRAMSCI *apud* COX, 1983).

Para Cox (1983), o conceito hegemônico de ordem mundial não se baseia apenas na regulação do conflito interestados, mas também em uma sociedade civil concebida globalmente, isto é, num modo de produção de extensão global que gera vínculos entre as classes sociais dos países nela incluídos.

Uma hegemonia mundial é uma expansão para o exterior da hegemonia interna estabelecida por uma classe social dominante. As instituições econômicas e sociais, a cultura e a tecnologia associadas a essa hegemonia nacional tornam-se modelos a serem imitados no exterior. Embora os países periféricos possam adotar alguns aspectos econômicos e culturais do núcleo hegemônico, têm menos condições de adotarem seus modelos políticos (COX, 1983).

A emergência dos Estados Unidos como núcleo de um “mundo unipolar” reforçou as atenções dadas às implicações da recentralização do poder global e não simplesmente as escolhas estratégicas dos Estados Unidos, mas, em termos de possibilidade de gerar ordem mediante hierarquia, hegemonia e até império. Falar dos Estados Unidos como a nação indispensável tornou-se persistente e mais persuasivo (HURRELL, 2005).

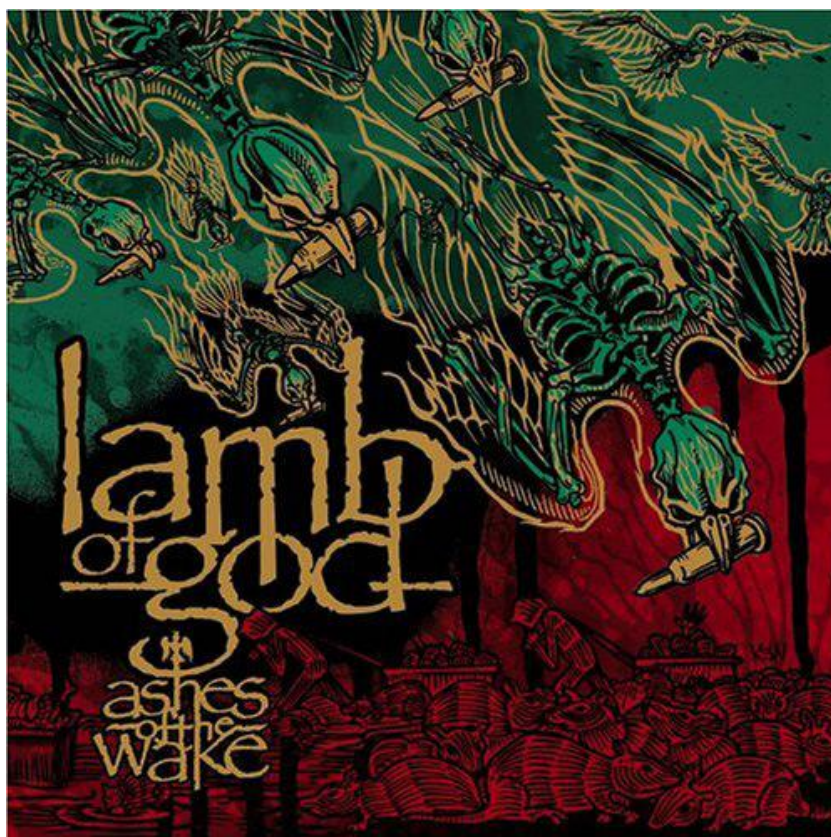
John Ikenberry (2001 *apud* HURRELL, 2005) tem destacado o caráter distinto, aberto e institucionalizado da hegemonia dos Estados Unidos e da barganha liberal que Washington foi capaz de realizar para lidar com as chamadas “incertezas do poder americano”: Estados asiáticos e europeus concordam em aceitar a liderança americana e operar dentro de um sistema político-econômico acordado. Em troca, os Estados Unidos abrem-se e atam-se aos seus parceiros, construindo uma coalizão institucionalizada de parceiros e reforçando a estabilidade dessas relações em longo prazo. E é esta liderança hegemônica por parte dos EUA que os fazem optar para uma resolução de conflitos belicosa, para que não ameace sua posição no sistema. As intervenções no Oriente Médio foram autorizadas e seguiram com um racha na opinião pública americana, sendo um papel por parte da música situar este debate, os prós e contras do envolvimento americano que serão discutidas mais adiante.

Contudo, autores como Charles Krauthammer vão apresentar algumas características deste sistema internacional do pós - Guerra Fria e por consequência do “momento unipolar” marcado pela influência do poderio norte-americano. Dentre uma destas características, uma busca indicar que a ameaça de guerra tende a aumentar em detrimento de uma diminuição do comportamento belicista dos Estados pois além de tudo seria trazida à tona armas de destruição em massa que estivessem sob o controle de Estados pária (*rogue states*). Em vista a combater essa grande ameaça que ronde a preservação da segurança dos EUA e seus interesses, mantém um excedente de gastos militares que ultrapassam 20 países combinados, “sendo dominante em qualquer medida: militar, econômica, tecnológica, diplomática e cultural” (KRAUTHAMMER, p.7 2003). Estes chamados novos atores, grupos terroristas e/ou paramilitares não ligados a nenhum Estado de maneira convencional, irão marcar uma reorientação da política externa dos EUA no combate as violações sobre a segurança internacionais, ao que a administração Bush vai nomear como o combate aos componentes do “eixo do mal”, na política da “Guerra ao terror”.

Esta desaprovação acerca do envolvimento unilateral dos EUA sobre o combate as diversas células terroristas espalhadas nas áreas de conflito, com enormes gastos e envio de tropas a serviço da preservação do controle dos interesses do governo estadunidense, reflete também no campo cultural e artístico como é a música, dentre elas o heavy metal. A música se constitui como um elemento de significativa importância, pois ela figura como uma forma de arte e manifestação cultural, estando intrinsecamente ligada ao contexto político e social ao redor do sujeito que a produz. Ademais, “tem sido historicamente um veículo para expressão política e um meio para artistas tanto apoiar quanto desafiar ações governamentais” (DAMICO; MCINTYRE, 2010 p.222). Podendo ela ser realizada para relatar acontecimentos que busquem manter certo distanciamento ideológico e inclusive emocional, ou opinar sobre algo tomando algum tipo de posicionamento específico, de maneira que a música pode contar tanto com o apoio maciço quanto diversos tipos de censura e repúdio do público, dependendo de seu conteúdo. Agora a onda de patriotismo deflagrada pelo incidente das Torres Gêmeas e suas consequências decorrentes merecem estudo, e neste trabalho específico se busca o esclarecimento dessa questão à luz da música.

O assunto apresenta uma gama de artistas, álbuns e músicas que aqui poderiam ser analisados, mas a análise vai se pormenorizar em bandas norte-americanas que em seu

conteúdo lírico apresentem críticas as atuações de tropas americanas em solo estrangeiro sob a denominada “Guerra ao Terror”. Como exemplo inicial, podemos utilizar o álbum intitulado *Ashes of the Wake*, quarto álbum da banda Lamb of God. Este é um álbum conceitual que apresenta de “maneira bastante focada e coerente, posições diretas acerca da administração dos EUA e suas políticas durante a guerra no Iraque” (WIEDERHORN,2016).



(Figura 03) Imagem do encarte do álbum *Ashes of the Wake* do Lamb of God

Aliado aos solos extremamente técnicos por parte das guitarras e o acompanhamento sempre presente da bateria, o vocal voraz de Randy Blythe nos traz a textura que é necessária através de suas letras como uma mensagem de expressão política, pois ele retrata o seguinte sobre o processo de composição deste álbum: "Eu sempre gosto de escrever sobre o que eu estou pensando e, na época, acho que a guerra estava na mente de todos" (...) "Os políticos diziam uma coisa, mas não era preciso muito para ver que o que realmente estava acontecendo era algo completamente diferente, e ao mesmo tempo, todos esses soldados estavam sendo levados a uma situação em que não se inscreveram " (WIEDERHORN, 2016). Isso é um grave problema hoje sofrido nos EUA, a integração de

novos soldados para o serviço militar e para remediar a situação é necessário promover debates no sentido de entender qual o melhor meio de integrar o cidadão no esforço de guerra sem comprometê-lo. Vamos atentar agora pra algumas letras de canções deste álbum pra tentar nortear a análise com relação sobre a temática. Primeiro, temos a faixa-título *Ashes of the Wake* na qual ela apresenta frases do ex-sargento Jim Massey da Marinha dos EUA após retornar do campo de batalha, no caso o território iraquiano.

"Matamos muitos civis inocentes.
Para nós, todo civil em Bagdá era um terrorista.
Eles disseram 'eles estão agora em roupas civis' o
que faz todo mundo passivo de um jogo. Mas se
eles vieram em nosso perímetro, nós os acendemos.
E quando tiramos o corpo, e quando buscávamos o
carro, não encontraríamos nada. Isso ocorreu
inúmeras vezes. Sem mal, sem falta, tudo bem, não
se preocupe com isso, Porque este é um novo tipo
de guerra, esta é uma erradicação".

O Heavy Metal historicamente é um gênero musical marcado com posturas consideradas rebeldes, que entram em choque com os padrões sociais em vigor mesmo que em muitas situações o mercado se aproprie dessa particularidade na venda de produtos relacionados. Diante uma situação como a Guerra do Iraque, surgem álbuns como o *Ashes of the Wake* do Lamb of God, desde suas músicas e letras até o conteúdo gráfico presente em seu encarte que abraçam as críticas sobre este comportamento unilateral do governo dos EUA que busca dirigir as ações desejáveis aos outros Estados, o que leva o país a optar por travar confrontos desnecessários aos olhos de grande parte da opinião pública. Inúmeras baixas de combatentes em solo inimigo, além daqueles que conseguem retornar a seus lares, mas acompanhados de sequelas, pois “os transtornos psiquiátricos são um dos principais motivos que levam os militares que chegam de zonas de conflito a buscar ajuda no Departamento de Assuntos para Veteranos, mantida pelo governo dos Estados Unidos. O diagnóstico mais frequente é o de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), mas muitos também sofrem de depressão e relatam dependência de drogas” (DÍEZ, 2013), só agrava a insatisfação com a manutenção dessas políticas. Músicas são produtos socialmente fundamentados, podendo dizer então que contido em seus significados e no discurso “eles operam num campo ideológico de interesses, instituições e memórias conflitantes” (WALSER, p.29 1993). Analisemos mais uma das canções do álbum *Ashes of the Wake*, agora a letra da faixa *Now You've Got Something to Die For*.

“Bombas para libertar o povo, sangue para
alimentar a árvore do dólar
Bandeiras para caixões na tela, óleo para a
máquina
Exército da libertação, doutrinação por
meio de mão armada
Os incêndios da insubordinação
Cumprir a profecia”

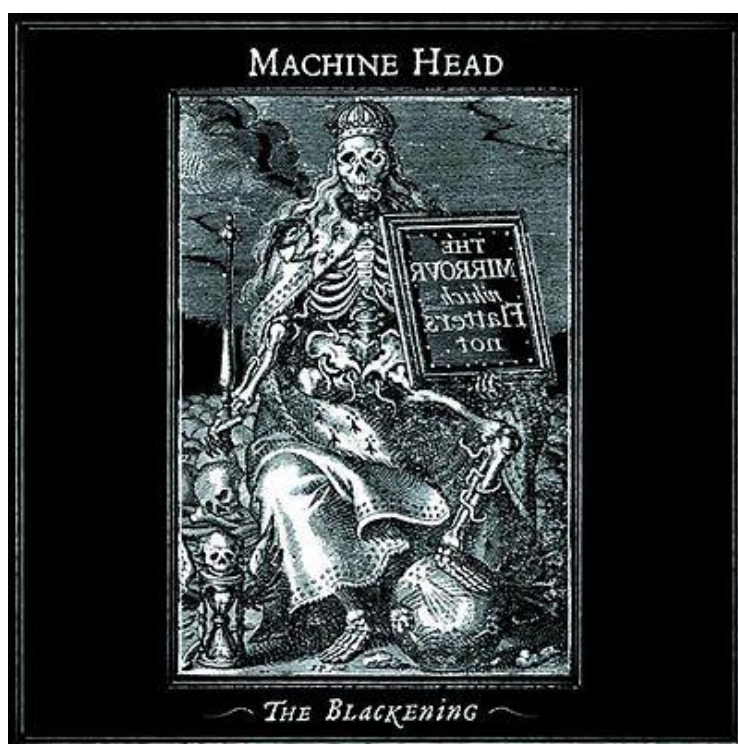
Esta música em específico busca salientar sobre as perdas inúteis de vidas humanas a serviço do grande capital, a utilização da propaganda patriótica e os recursos morais a serviço de uma intervenção militar atreladas ao interesses econômicos dos EUA. “O interesse no petróleo do Golfo Pérsico e o controle desta matéria-prima no Oriente Médio são consensuais entre quaisquer pesquisadores sérios a respeito do tema. O interesse em atacar o Afeganistão em 2001 estava, invariavelmente, atrelado ao fato do governo talibã impedir a passagem de um oleoduto pelo território afegão, planejado pelos Estados Unidos. Além do mais, pesa também o fato de que Donald Rumsfeld, secretário de Defesa, solicitou um ataque imediato ao Iraque nas horas que se seguiram aos atentados de 11 de setembro. No entanto, o presidente Bush foi aconselhado a preparar a opinião pública antes de um ataque como aquele. O Afeganistão era um alvo muito mais prático naquele momento. O mesmo pode se dizer do caso do Iraque, já que a região do Golfo Pérsico possui uma imensa fonte de poderio estratégico e riqueza material. E o Iraque é absolutamente primordial na região. O Iraque possui a segunda maior reserva de petróleo do mundo, e seu óleo é facilmente acessível e barato.” (RODRIGUES, 2013 p. 64)

Vamos agora para uma última análise da seção, sobre uma letra de música que tenha como objetivo ilustrar críticas a promoção da política da luta Global contra o terror por parte das forças armadas norte-americanas. Esse é o caso da faixa *A Farewell to Arms*, contida no sexto álbum da banda *Machine Head*, *The Blackening*. Essa banda em específico é considerada importante para o movimento do heavy metal americano porque seu fundador e principal compositor, Robb Flynn preocupa-se em explorar temas que lhe interessem de modo mais pessoal. O conteúdo desse álbum específico, contém letras inspiradas no relato de diversos combatentes que retornaram das incursões no Oriente Médio e na morte de incontáveis civis, ou seja o desperdício de vidas humanas. Por isso a cor do encarte estar em preto, o que demonstra o luto por estas almas e elas sendo tomadas

pela morte, o único “rei” representado pois com este conflito súditos não cessariam em aparecer.

“Tudo que eles precisavam era
Um pretexto, a próxima guerra
Cabeças para os blocos de abate
E nossos pescoços são os próximos
Para aqueles que morreram
Quem lutou pelos nossos direitos
Cujos filhos agora escravos
Eles estão se transformando em suas covas”

“Falcões e senadores da guerra
Eles se sentam apertados, tão brega
Nunca seus filhos saberão
Como é lutar
Mas os soldados estão mortos
E as crianças sangraram
E o silêncio é entorpecido
Em que nos tornamos?”



(Figura 03) Encarte do álbum *The Blackening* do Machine Head

Em outras palavras, essa ação unilateral de combate ao chamado terrorismo em nações islâmicas por parte das forças norte-americanas vem se prolongando há bastante tempo e gerando custos materiais e principalmente humanos, o que gera enorme

contestação por parte da opinião pública, o que naturalmente reverbera nas produções artísticas como a música através de um subgênero como o *Heavy Metal* que desde sua origem passa a influenciar um variado número de pessoas, pois música representa uma expressão sobre a realidade e como quem a produz sente e concebe a realidade a sua volta. Música sendo ela um produto cultural apresenta um conjunto de significados, e tal qual deve se constituir afirmativamente como um elemento de análise política, e como representação social em um cenário bélico não seria diferente.

2.4 O Álbum *Ashes of The Wake* e outros representantes

Em 2004, influenciado por sua paixão por história, pelos atentados de 11 de setembro de 2001 e o envolvimento das tropas estadunidenses no Oriente Médio, Randy Blythe buscou inspiração para a composição do vindouro álbum. Gravado em 2004, o álbum *Ashes of The Wake* recebeu uma contribuição total nas letras do seu frontman já mencionado anteriormente, mas também todo o resto da formação do grupo inspirados pelos acontecimentos da doutrina Bush após o ataque contra o World Trade Center. Randy Blythe em diversas situações confessou que gostaria de fazer algo mais significativo ao seu país e tomou partido utilizando a arma que dispunha, a capacidade de composição para expressar um posicionamento ou algum tipo de valor acerca desse período conturbado na política externa dos EUA. Faixas como *Now You've Got Something To Die For*, *Ashes of The Wake*, *One Gun* e *The Faded Line* surgiram em meio a este contexto particular, ou seja, contestação a uma guerra desnecessária que só é importante aos interesses privados ao custo de vidas humanas. Além disso, quando os soldados retornam, muitas vezes trazem consigo sequelas difíceis de superar e isso gera um custo para o governo norte-americano solucionar.

A presença da música na recente história dos Estados Unidos, não ignorando a presença deste elemento em outros lugares e contextos é perceptível, haja vista o número de artistas que utilizaram a música para a reflexão, protesto ou posicionamento acerca dos atentados de 11 de setembro de 2001 e seus desdobramentos. O *Lamb of God* assim como as outras bandas que buscaram expressar seus pontos de vista acerca dessa situação receberam recepções bastante positivas, mas também era previsto uma má-recepção por parte de outro grupo de pessoas. Contudo, as bandas apresentavam consciência disso, sabiam que estavam recebendo questionamentos e desagradados de diversos ouvintes por

parte da opinião internacional acerca de um assunto sensível, como um atentado localizado no próprio território americano, mas eles se mantinham no pensamento já mencionado anteriormente de críticas ao envolvimento dos EUA além de suas fronteiras.

Diversos motivos podem ser pontuados para a confecção de um álbum conceitual nestes moldes mais críticos. Não só o álbum do *Lamb of God* foi importante nesse contexto, como também o *The Blackening* do *Machine Head*, o *War Is The Answer* do *Five Finger Death Punch* e o *United Abominations* do *Megadeth* se caracterizam como importantes personagens dentro do contexto pós-11 de setembro. Estes álbuns são um exercício crítico contra a imagem dos Estados Unidos como poderosa nação e estandarte da liberdade, e que o “valor do lugar da música na cultura em períodos de tumultos se tornou cada vez mais evidente” (DAMICO; MCINTYRE, 2010 p.217). O Heavy Metal é um gênero musical que não costuma ter o apoio de rádios e emissoras de televisão, pois não é considerado atraente do ponto de vista comercial, salvo exceções em contextos muito particulares. Portanto, a maioria esmagadora das bandas que tocam metal e seus subgêneros não possuem nem de longe, o público de artistas pop; justamente por este motivo, atingir público maiores deve ser uma opção levada em conta.

É importante frisar que estas músicas como qualquer outro produto da cultura da mídia, são construtos sociais polissêmicos. Não se deve encará-lo como meros veículos de ideologias dominantes, tampouco com tipos de entretenimento simples e descompromissadas. São “produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos cuja análise e interpretação exigem métodos de leitura e crítica capazes de articular sua inserção na economia política, nas relações sociais e no meio político em que são criados, veiculados e recebidos” (KELLNER, 2001 p.12).

Outro exemplo rico para ser citado é a banda *Five Finger Death Punch*, pois como já foi dito anteriormente ela geralmente utiliza em suas letras a preocupação com a vida dos americanos que se encaminham para o front de batalha, as sequelas que os acompanham em seu retorno, guerras que só geram benefícios aos grandes oficiais, ou seja aqueles que não figuram na linha de frente. Músicas como *No One Gets Left Behind*, *Remember Everything*, *War Is The Answer* são alguns momentos que a banda decidiu durante sua trajetória, apresentar seu ponto de vista acerca de uma situação sensível na política exterior empregada pelos EUA, o fator Oriente Médio.

Outro exemplo bastante frutífero que pode ser ressaltado é a banda *System of a Down*, categorizada pelo conteúdo político em suas letras de grande enfrentamento as posturas

engendradas pelo governo dos EUA. Os integrantes dessa banda em específico são de origem armênia, onde além de ativistas e fortes defensores de reparações sobre seu país natal, possuem raízes nos EUA e como tal buscam enaltecer em suas letras o alerta para que quem os ouve tenha noção sobre os graves problemas de direitos humanos causados pelo governo norte-americano dentro e fora de suas fronteiras. Faixas com o conteúdo agressivo e direto como *B.Y.O.B*, *Soldier Side* e *A.D.D (American Dream Denial)* são importantes exemplos que reforçam o papel do System of a Down enquanto propagadores de um conteúdo, onde seu público se torna capaz de compreender e observar que muitas vezes as aparências e o que a mídia veicula não são sempre verdades absolutas.

Contudo, em todos os debates existe o outro lado e neste caso não seria diferente, porque mesmo na produção musical nem todos compartilham de uma mesma visão, valores, ideias ou concebem a realidade da mesma forma. Enquanto indivíduos possuem próprias ideologias e no Heavy Metal, subgênero do rock não está isento de visões conflitantes. Sobre o 11/09, existem bandas que são favoráveis ao envolvimento do exército americano para solucionar a questão do Oriente Médio, aliadas ao fato de que o atentado sobre as Torres Gêmeas serem um fator sensível sobre o espírito dos estadunidenses. Um exemplo muito conhecido é o da banda Disturbed, onde no ano de 2008 lançaram a música intitulada *Indestructible* com o intuito de servir como um incentivador para as tropas que se encaminhassem ao front de batalha, ou seja ela causava aquele *boost* de adrenalina nos soldados.

Outro grupo representante do cenário heavy metal norte-americano é o Drowning Pool, banda originada do Estado do Texas que acabou criando grande simpatia pelos combatentes norte-americanos tendo inclusive realizado turnês em bases militares dos EUA no Iraque, Kuwait e Coreia do Sul. Por essa razão, acabaram escrevendo a música *Soldiers* dedicada aos soldados que lutam pelos Estados Unidos, seus compatriotas. Como mais um exemplo dessa leva de artistas favoráveis ao espírito combatente das suas forças militares temos o Iced Earth. No seu álbum *The Glorious Burden* de 2004, possui uma faixa específica chamada *When The Eagle Cries* que além de abordar o 11 de setembro e seu impacto sobre a população estadunidense, também é uma canção de união do povo americano e que sejam capazes de tomar providências sobre aqueles que derramaram o sangue de inocentes.

Em suma, nem mesmo a música acaba ficando isenta de debates e posicionamentos pois até mesmo quando se refere sobre o envolvimento das Forças Armadas dos EUA

sobre o Oriente Médio, diferentes grupos e bandas que compartilham o mesmo estilo musical, mas que possuem suas próprias ideias e visões de mundo, sendo favoráveis ao envolvimento em conflitos armados ou não. A música é uma representação interessante e possível de algum fenômeno político como foi possível observar no decorrer da discussão, mas que isolada de um amparo teórico fica sem sustentação na hora de analisar seu discurso de modo mais complexo, mas o conteúdo musical apresentado pelo heavy metal é tão rico que inclusive é capaz de apresentar visões contrárias dentro dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho identificamos o papel da música através do Heavy Metal como ferramenta de representação social no contexto de um conflito em larga escala, ou seja, cenário de guerra. Além disso percebe-se que a análise de discurso pode acabar sendo um método relevante para realizar trabalhos que envolvam percepções, relações e processos, pois tem a capacidade de revelar as entrelinhas que levaram à produção da prática discursiva e ainda ensejar debates sobre a influência desse discurso dentro do ambiente social, sendo a música um importante elemento nesse processo. Tudo isso, compreendendo discurso não como uma simples retórica, mas, sim, enquanto uma linguagem construída a partir de certas regras e interesses que podem ser desvendados.

Dessa forma, esse estudo tem como foco ressaltar a relevância de incorporar esse método de análise de maneira mais incisiva no âmbito das Relações Internacionais, especialmente por ser um espaço completamente permeado pela prática discursiva. Por isso, espera-se que os pesquisadores possam inserir abordagens discursivas no referencial de análise, de forma desvincilhada das preocupações em torno da aceitação na área e das críticas das perspectivas positivistas.

A música é uma das formas de expressão mais espontâneas e genuínas de homens e mulheres ao redor do mundo. Ela é capaz de produzir um arcabouço de reflexões encontrados nos mais diversos trabalhos musicais (System of a Down, Five Finger Death Punch, Machine Head, Lamb of God, entre outros). O objetivo deste trabalho - me sinto no dever de ressaltar – será o de promover e citar que artistas de cunho politicamente ativo em suas produções musicais, sejam levados em consideração pois se encontram como recursos significativos de análise sobre um contexto social dado em um presente momento. Temos consciência dos aspectos contextuais que permeiam ao nosso redor e com os quais nos deparamos, se bem aplicado é um gesto importante rumo a uma maior compreensão do mundo ao nosso redor. A análise do conteúdo lírico e o papel do heavy metal como um gênero de contestação, um trabalho intelectual que desde o seu surgimento busca afastar e alertar sobre possíveis manipulações e usos políticos e ideológicos de diferentes agentes.

A guerra em termos gerais não é um lugar onde, ao contrário do discurso romântico, acabamos por encontrar a glória de morrer por um ideal. Mesmo que ocorra o fato de que aqueles que perecem no campo de batalha possam se sentir desta maneira, no caso dos exércitos estadunidenses nas intervenções pelo globo, lutam por interesses privados,

mascarados de defesa, justiça ou prevenção. Aqueles que sobrevivem voltam desses conflitos debilitados de corpo e mente, sejam os veteranos do Vietnã afetados pelos efeitos do napalm (agente laranja) ou os veteranos da guerra do Iraque intoxicados pela pólvora de suas munições. A produção artística do heavy metal não cansa de salientar estes contornos, sejam no início ou término de um cenário belicoso. O que é necessário é que haja essa consciência, essa capacidade de identificação entre as estéticas e os significados imbuídos pela música.

Que este trabalho possa interessar em novos estudos para a área de Relações Internacionais. Possa contribuir para entusiastas e pesquisadores que a música ou diversos outros meios de produção cultural não sejam mais tão marginalizados e sejam desse modo um meio de análise significativo.

Referências Bibliográficas

ADLER, Emanuel. **O construtivismo no estudo das relações internacionais.** Lua Nova, Ago 1999, no.47, p.201-246.

BANDEIRA, Luiz A. M. **Dimensão Estratégica e Política Externa dos Estados Unidos.** In: III CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA INTERNACIONAL - III CNPEPI, 2008: Rio de Janeiro. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

BBC NEWS WORLD: Whatis 'IslamicState'? Dezembro, 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-29052144>>. Acesso em: 13 out. 2017.

BARRAS, Colin. **Did early humans, or even animals, invent music?** BBC, 7 set. 2014. Disponível em <<http://www.bbc.com/earth/story/20140907-does-music-pre-date-modern-man>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

CAMARGO, J. F. 2011. *Mídia e Relações Internacionais: lições da invasão do Iraque em 2003.* 1ª Reimpressão. Curitiba: Juruá.

CASTELLS, Manuel. **The power of Identity, the information age: economy, society and culture.** Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell, 2010.

COX, Robert W. **Gramsci, Hegemonia e Relações Internacionais: Um ensaio sobre o método.** *Millenium*, v.12, n.2, 1983, p. 162-175.

CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam realmente quer.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

DAMICO, Amy M.; QUAY, Sara E. (Org). **September 11 in popularculture: a guide.** Santa Barbara: Greenwood, 2010.

DÍEZ, Beatriz. EUA buscam saídas para frear suicídios de soldados. Disponível em:<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130606_soldados_suicidio_gm>. Acesso em: 20 maio 2017.

FUKUYAMA, Francis. **Construção de Estados: Governança e Ordem Mundial no Século XXI**. São Paulo: Rocco, 2004.

G1:ONU: Estado Islâmico executou 741 civis na batalha de Mossul. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/onu-estado-islamico-executou-741-civis-na-batalha-de-mossul.ghtml>>. Acesso em: 26 out. 2017.

HUNTINGTON, Samuel P. **A superpotência solitária**. São Paulo: Política Externa/ Instituto de Estudos Avançados da USP, v.8, n. 4, 2000, p. 12-25.

HURRELL, Andrew. **Pax Americana ou o império da insegurança?** RBPI, 48, n. 2, 2005, p. 30-54.

KRAUTHAMMER, Charles. **The Unipolar Moment Revisited**. The National Interest, United States: 2003, p 5-17.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade epolítica entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

KLUGEWICZ, Stephen M.**Music of War and Remembrance: Ten Classical Music Pieces**.Disponível em: <<http://www.theimaginativeconservative.org/2015/11/music-of-war-and-remembrance-ten-great-classical-music-pieces.html>>. Acesso em: 21 maio 2017.

MENDES, Pedro Emanuel. A (re) invenção das relações internacionais na viragem do século o desafio do construtivismo. **Relações Internacionais**, Lisboa, v. 1, n. 36, p.105-118, dez. 2012.

MILLIKEN, J. 2001. DiscourseStudy: Bringing Rigor toCriticalTheory. In: FIERKE, K. M.; JORGENSEN, K. E. (Eds.). *Constructing International Relations: the next generation*. New York: M. E. Sharpe, pp. 136-159.

ONUF, N. 2002. Worlds of Our Making: The Strange Career of Constructivism in International Relations. In: Donald J. (Ed.). *Visions of International Relations: Assessing an academic Field*. Puchala. Columbia: University of South Carolina Press, pp. 119-141.

PECEQUILO, Cristina S. **A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2011.

PROCOPIO, Argemiro. Terrorismo e relações internacionais. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 44, n. 2, p. 62-81, dez. 2001. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292001000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2017.

RAPHAEL, Ray. **Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos: a verdadeira história da independência norte-americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 16.

RESENDE, Érica. Condições de Possibilidade da Guerra ao Terror: americanidade e puritanismo nas práticas discursivas da Política Externa Norte-Americana no pós-onze de setembro. **Rev. Século XXI**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 31-53, jul-dez 2011. Disponível em: <<http://sumario-periodicos.espm.br/index.php/seculo21/article/viewFile/1823/101>>. Acesso em: 29 out. 2017.

RODRIGUES, Icles. **PROPAGANDA, MILITARISMO E SUAS RELAÇÕES COM O HEAVY METAL EM UM ESTUDO DE CASO: O ÁLBUM THE GLORIOUS BURDEN DA BANDA ICED EARTH**. 2013. 127 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTANA FILHO, Milton Oliveira de. **TRIBOS MUSICAIS: UM OLHAR SOBRE O CARÁTER POLÍTICO DA MÚSICA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA AS**

POLÍTICAS MUNDIAIS NA PÓS-MODERNIDADE. 2015. 97 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Faculdade Asces, Caruaru, 2015.

SARAIVA, José Flávio Sombra (Org.) **História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007

VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História para o ensino médio:** história geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2008.

WALSER, Robert. **Running with the devil: power, gender, and madness in heavy metal music.** Middletown: Wesleyan University Press, 1993.

WENDT, Alexander. The Agent-Structure Problem in International Relations Theory. *International Organization*, vol. 41, nº 3, Summer, 1987, p. 333-370.

WENDT, Alexander. Social Theory of International Politics. Cambridge University Press, 1999.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: The Music And Its Culture, Revised Edition.** Da Capo Press, New York, 2000.

WIEDERHORN, Jon. **12 Years Ago: Lamb of God Release ‘Ashes of the Wake’.** Disponível em: <<http://loudwire.com/lamb-of-god-ashes-of-the-wake-anniversary/>>. Acesso em: 18 maio 2017

Músicas

BLACK SABBATH. **Paranoid.** Vertigo, 1970. 1 CD (ca. 42 min).

LAMB OF GOD. **Ashes of the Wake.** Epic, 2004. 1 CD (ca 47 min).

MACHINE HEAD. **The Blackening.** Roadrunner, 2007. 1 CD (ca. 61 min).

MEGADETH. **Rust in Peace.** Capitol Records, 1990. 1 CD (ca. 40 min).